

OS  
**MISERÁVEIS**  
UM FILME DE LADJ LY



FESTIVAL DE CANNES  
*PRÊMIO DO JÚRI*





# SINOPSE

Stéphane, acabado de chegar de Cherbourg, vai integrar a Brigada Anti-Crime (BAC) de Montfermeil, nos arredores de Paris. É aí que conhece os seus novos colegas de equipa, Chris e Gwada, dois agentes experientes. Não tarda a descobrir as tensões entre os diferentes gangues locais. Durante uma detenção, um drône filma todos os seus actos e gestos...





## ENTREVISTA COM LADJ LY

**OS MISERÁVEIS é a sua primeira longa-metragem, mas já trabalha em cinema há mais de 15 anos. Como foi o seu percurso desde a Kourtrajmé?**

Quando tinha 8/9 anos, era amigo do Kim Chapiron. Durante as férias, ele frequentava o centro recreativo de Montfermeil e foi aí que nos conhecemos. Com quinze anos, fundou o colectivo Kourtrajmé com o Romain Gavras e o Toumani Sangaré. Eu tinha 17 anos, era o início do digital, comprei uma câmara e, a partir daí, nunca mais parei de filmar. Filmava tudo, o meu bairro, as rodagens da Kourtrajmé...

**A sua escola de cinema foi fazer coisas?**

QExactamente, aprendemos tudo no terreno. Partíamos do princípio que queríamos fazer filmes entre nós, sem a ajuda de ninguém. Éramos jovens, loucos, avançávamos sem fazer perguntas, com toda a nossa energia. Hoje, talvez sejamos um pouco menos loucos mas é sempre bom manter um pouco dessa insensatez. Não queremos ficar presos a rótulos, o que, infelizmente, é frequentemente o caso no meio do cinema.



**Realizou web-documentários que não passaram despercebidos, nomeadamente 365 JOURS À CLICHY-MONTFERMEIL e depois 365 JOURS AU MALI. Pode descrever essas experiências?**

Não tardei a especializar-me no documentário com 365 JOURS À CLICHY-MONTFERMEIL, rodado durante os motins de 2005. Os motins rebentam, acontecem mesmo à minha porta, e como sempre filmei tudo, por conseguinte o filme surgiu naturalmente. No início, não tinha uma ideia para o documentário, pensei que as imagens podiam servir para um clip, ou uma curta, mas depois filmei um dia, dois dias, uma semana, e por fim durante um ano! Tinha cerca de 100 horas de filmagens, todos os jornalistas queriam comprar-me as imagens porque eu era o único com um ponto de vista do interior. Decidi não vender imagem nenhuma e fazer o meu próprio filme. Todos os filmes da Kourtrajmé eram distribuídos gratuitamente na internet, começámos a fazer isso antes do Youtube e do Dailymotion. Uns anos depois, fiz 365 JOURS AU MALI segundo os mesmos princípios. Lia na imprensa que o Mali se tinha tornado o lugar mais perigoso do mundo com a Al-Qaeda, o Daesh... Acontece que eu conhecia bastante bem este país de onde sou oriundo e não correspondia à imagem que os média transmitiam. Decidi pegar na minha câmara e ir até lá filmar, à pressa. Mergulhei naquele lugar durante um ano, encontrei toda a gente: os tuaregues, os islamitas, as milícias, o exército... Depois, voltei, apresentei o filme às cadeias de televisão, nenhuma queria mostrar tal qual estava, e disponibilizei-o-o directamente na net.





**Depois há a fase do GO FAST CONNEXION, a que se segue À VOIX HAUTE, que foi muito falado, realizado em colaboração com Stéphane De Freitas...**

GO FAST é uma docu-ficção realizada três anos após os motins, onde analiso o tratamento mediático dos bairros periféricos. A apresentação é de Charles Villeneuve, que alinhou na paródia das emissões-reportagens sensacionalistas que ele, naquela altura, apresentava na TF1 (principal cadeia francesa de televisão)! Inicialmente, À VOIX HAUTE era um projecto independente mas depois a France Télévision associou-se. Deram-nos toda a liberdade, fizemos o filme, acharam que estava óptimo, ao ponto de proporem estreá-lo em sala. É um filme que mostra que, apesar de todos os problemas, nos bairros periféricos ainda existe esperança, que os jovens dos bairros têm talento e que nem sempre se parecem com os estereótipos que deles se veicula, e essa foi sempre a minha posição: mostrar as várias realidades.

**OS MISERÁVEIS é a sua primeira longa-metragem ficcional, produzida no sistema tradicional. Trata-se de uma concretização de todas as suas experiências acumuladas?**

Concretização não sei, porque espero que seja um novo início em vez de uma meta. Mas é verdade que, neste filme, conto um pouco da minha vida, das minhas experiências e daqueles que me são próximos... Tudo o que ali se vê é baseado em experiências vividas: a alegria do campeonato do mundo como é evidente, a chegada do novo bôfia ao bairro, a história do drone... Durante cinco anos, filmei com a minha câmara tudo o que acontecia no bairro, e sobretudo os bôfias, vigiava os polícias. Assim que eles chegavam, pegava na minha câmara e filmava-os, até ao dia em que captei um erro grosseiro. No filme, a história do roubo da cria do leão que faz desencadear a ira dos ciganos proprietários do circo também é verdadeira... Queria mostrar a diversidade incrível que compõe a vida daqueles bairros. Sempre vivi naqueles bairros, são a minha vida e adoro filmar ali. É o meu set de filmagens!







**Tem conseguido evitar o maniqueísmo. Não se trata dos “jovens simpáticos contra os polícias malvados”, nem o contrário. Olha para os protagonistas sem preconceitos nem caracterizações sumárias.**

Claro, a realidade é sempre complexa. Existem bons e maus em ambos os lados... Tento filmar todas as personagens sem julgamentos preconcebidos. «O Presidente da Câmara» tem um lado educador mas, ao mesmo tempo, algo desprezível, os polícias a mesma coisa, são simultaneamente amáveis, asquerosos, humanos... Navegamos através de um mundo tão complexo que é difícil fazer julgamentos rápidos e definitivos. Os bairros são barris de pólvora, existem clãs e, no entanto, tentamos viver todos em conjunto e esforçamo-nos para que as coisas não dêem para o torto. É isso que mostro no filme, os pequenos esquemas do dia-a-dia de que as pessoas se servem para sobreviver.

**Tudo isto passa-se num cenário de desemprego, pobreza, que são a principal causa de todos estes problemas...**

Quando há dinheiro, é fácil viver com os outros, mas quando estamos na miséria, é mais complicado: passa por compromissos, esquemas, pequenos tráficos... é uma questão de sobrevivência. Os bófia também estão em modo de sobrevivência, também eles vivem na miséria. OS MISERÁVEIS não é nem “a favor da ralé” nem “a favor da bófia”, tentei ser o mais justo possível. A primeira vez que fui revistado, tinha 10 anos, o que significa que conheço bem a polícia, que vivo perto deles, que fui revistado e vi-me metido em sarilhos vezes incalculáveis, e por isso achei que era capaz de me meter na pele de um bófia e contar uma parte do filme a partir do seu ponto de vista. A maior parte destes polícias não estudou, eles próprios vivem em condições difíceis com salários de miséria



e nos mesmos bairros que nós. Passam muitas vezes mais tempo do que nós nos bairros, porque nós movimentamo-nos, vamos até ao centro da cidade, ao passo que eles trabalham o dia inteiro a dar voltas ao bairro, deve ser uma seca. Para haver um pouco de acção, desatam a fazer controlos de identidade e é um círculo vicioso. Os polícias conhecem perfeitamente a população, as suas vidas, o seus hábitos, e no entanto estão sempre a chatear toda a gente com os controlos. Como é evidente, a dado momento, há um bloqueio.

**Podemos dizer que OS MISERÁVEIS é um filme humanista e político no sentido em que não denuncia os indivíduos mas antes denuncia implicitamente um sistema do qual todos acabam por ser vítimas, tanto os habitantes como os polícias?**

É exactamente isso, e a principal responsabilidade é dos políticos. Estão a deixar que a situação se deteriore desde há 30 ou 40 anos, enganam-nos com as suas falinhas mansas e planos – planos para os subúrbios, planos políticos para a cidade, planos para isto, planos para aquilo, e o resultado é que, em 30 anos, nunca vi nada mudar. Com uma pequena excepção, o plano Borloo: a renovação da habitação é o único resultado concreto em que alguma vez reparei. Isso mudou a nossa vida quotidiana. Por isso, agradeço-lhe (a Jean-Louis Borloo, antigo Ministro da Cidade), mas tirando isso, nunca vi reais progressos e, no limite, até vai de mal a pior. Apesar de tudo, aprendemos a viver juntos nestes bairros onde coexistem 30 nacionalidades diferentes. Farto-me de dizer, é nos subúrbios que existe diversidade, ao passo que, no centro de Paris, é o contrário. Sempre que saio da periferia, é todo um outro universo, maioritariamente





branco. A diferença é flagrante apesar de estes dois mundos estarem lado a lado. Quando um parisiense vai aos arredores, tem a impressão de se estar a aventurar por África ou no Iraque, apesar de ser uma viagem de apenas cinco minutos de metro ou automóvel! É uma pena, porque os bairros suburbanos são dinâmicos, têm vida, existe uma energia incrível, não há apenas droga e violência – que existem também no centro de Paris... O que se vive nos subúrbios está a anos-luz do que os meios de comunicação mostram na maior parte do tempo. Existe um fosso entre a realidade e a imagem mediática. Como é que os políticos podem solucionar os nossos problemas se não nos conhecem, se não sabem como vivemos, e quais são os nossos códigos?

**Outra realidade que é mostrada no filme, e que contrasta com os estereótipos, é a questão étnica: não se trata de jovens negros contra a bófia. “Blacks, brancos e mouros” misturam-se em ambos os lados...**

Sim, porque a realidade é essa. Há de tudo, pessoas que saem sempre juntas, os gangues que dominam os “magrebinos”; os ciganos também lá estão mas não se misturam. Existem igualmente acordos tácitos em que nos misturamos com os ciganos. Com os polícias é a mesma coisa, há de tudo, inclusivamente malta de origem africana que apelidamos de “guada”... Os “guada”, no nosso código, são a malta que vem das ilhas. Os polícias negros, no início, eram todos provenientes das Antilhas, e pegou logo, mesmo para aqueles que agora vêm de África. O “guada” do filme cresceu sem dúvida no bairro, mas como se tornou polícia é, por isso, considerado um traidor, o que torna a sua situação ainda mais complicada.







Entre Chris – o polícia branco- e o Presidente da Câmara – a figura negra do bairro – também é complicado, eles detestam-se mas têm os seus esquemas porque precisam um do outro... Os polícias vêem-se obrigados a fazer compromissos com os habitantes, caso contrário a guerra seria permanente.

**O título faz referência a Victor Hugo, começa com a bandeira francesa na noite conquista do Mundial... Quis fazer um filme não exclusivamente sobre os subúrbios mas também sobre a França?**

Exactamente, porque somos todos franceses. Nós nascemos aqui, sempre vivemos aqui... Houve alturas em que nos disseram que não éramos franceses, mas nós sempre nos sentimos franceses. Sou um pouco mais novo do que os “minorcas” do filme e o 12 de Julho de 98 marcou-me para a vida. Ainda hoje me lembro, tinha 18 anos, foi mágico! O futebol fora capaz de nos unir a todos, deixara de existir cor de pele, classes sociais, éramos todos apenas franceses. Voltámos a sentir o mesmo no último Mundial, como se só o futebol tivesse a capacidade de nos unir. É pena que não existam outros cimentos do povo mas, ao mesmo tempo, é incrível viver e filmar estes momentos. O filme começa aí, e depois volta à realidade menos reluzente, cada um regressa à sua posição em função da cor da pele, religião, local de residência, classe social... De resto, a actualidade está sempre a apanhar o filme. Gostava muito que o presidente o visse, se isso servisse para o sensibilizar para as várias realidades do país.





## BIOGRAFIA LADJ LY

Ladj Ly, oriundo de Montfermeil (Seine-Saint-Denis), inicia a sua carreira com o colectivo Kourtrajmé, fundado em 1995 pelos seus amigos de infância Kim Chapiron e Romain Gavras. É como actor que dá os primeiros passos no cinema, e depois como realizador da sua primeira curta-metragem, MONTFERMEIL LES BOSQUETS, em 1997. Paralelamente, passa muitos anos a fazer making-of. Em 2004, escreve o argumento do documentário 28 MILLIMÈTRES em colaboração com o fotógrafo JR, que afixa retratos de grande formato nas paredes de Clichy, Montfermeil e Paris.

Após os motins de 2005, desencadeados pela morte de dois jovens, Zyed Benna e Bouna Traoré, electrocutados em Clichy-sous-Bois, Ladj Ly decide filmar o seu bairro ao longo de um ano e fazer um documentário intitulado 365 JOURS À CLICHY-MONTFERMEIL (2007). Continua a trabalhar como documentarista e, em 2014, realiza 365 JOURS AU MALI, o testemunho de uma região em plena ebulição onde as milícias se preparam para a guerra.

Em 2017, dirige a curta-metragem OS MISERÁVEIS nomeada aos César 2018 e premiada no festival de Clermont-Ferrand. No mesmo ano, dirige em colaboração com Stéphane de Freitas o documentário À VOIX HAUTE, igualmente nomeado aos César. Em 2019, apresenta a sua primeira longa-metragem, OS MISERÁVEIS, seleccionada para a competição do Festival de Cannes.



# SOBRE AS SEMELHANÇAS COM O FILME O ÓDIO – LA HAINE

O ÓDIO - LA HAINE sempre foi um filme que nos inspirou muito. É uma referência nos filmes sobre os subúrbios. É um dos raros filmes com o qual nos conseguimos identificar. Não há problema em comparar O ÓDIO com OS MISERÁVEIS. Mas não deixa de ser um filme muito diferente, uma outra história, uma outra época.” **LADJ LY entrevistado pelo site Allociné**

## REVISTA DE IMPRENSA

“Um filme de cortar a respiração” - **Le Monde**

“Um filme choque!” - **Télérama**

“A primeira bomba do Festival de Cannes, um relatório perturbador dos subúrbios, 24 anos depois de La Haine.” - **Première**

2019 – França – 103 min

